



Pensando a identidade na escrita-catarse de Gisèle Pineau

Novalca Seniw Ribeiro¹

Filha de pais guadalupenses, Gisèle Pineau nasceu em Paris, em 1956. Apesar de ter vivido pouco tempo em Guadalupe durante sua infância (apenas alguns meses) a autora foi, no entanto, fortemente marcada e influenciada pela história e histórias da ilha, permeadas de um sentido fantástico e trágico. Contadas pela avó Man Ya que falava apenas a língua *créole*, essas histórias versavam, sobretudo, sobre a dura condição da mulher antilhana que habitava nos campos, mas também eram antigas narrativas de escravos ou ainda histórias fantásticas e populares cujos personagens eram, geralmente, *diablesses* (mulheres-demônio) e *soucounans* (mulheres-vampiro). O constante ato de contar histórias da ilha evidencia a intensa ligação dessa avó iletrada com a sua terra construída a partir do trabalho do escravo, mas também traz à tona a visão da mulher como provocadora de malefícios e distúrbios.

Duas obras de Pineau serão estudadas a princípio: *L'espérance-macadam* (1995) que tem sua história ambientada na cidade de Savane, na ilha de Guadalupe e cuja narrativa se constrói a partir de flashbacks de três narradoras: Éliette, Rosette e sua filha Angela. A história tem como marcadores temporais a passagem de dois furacões – o de 1928 e o furacão Hugo, de 1989. E eles são tão importantes quanto os personagens, uma vez que são metáforas da violência física, moral e psicológica praticada, implícita ou explicitamente, pelos indivíduos da sociedade de Savane uns contra os outros.

A segunda obra, *L'exil selon Julia* (1996), de cunho autobiográfico, é um relato de Gisèle Pineau no qual ela narra sua infância vivida na França, nos anos 60. Nele, fica muito evidente o deslocamento afetivo da autora em relação à França hostil dessa época, país que a despreza, e a outros tantos, em função da cor da pele. O olhar lançado em sua direção abarca apenas e tão somente a cor da epiderme e a origem ultramarina, ignorando todo o resto; é um olhar que a empurra, contra a sua vontade, para um lócus periférico. Nesse relato a autora traz à tona as suas indagações infantis sobre quem ela é e o lugar ao qual pertence. A figura central

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora.



do livro é a avó de Gisèle Pineau, Julia também chamada de Man Ya. Essa avó muito ligada a sua ilha, a sua terra e a tudo o que ela contem e representa, é quem dá condições a Gisèle de compreender o que é o sentido de pertencimento e a crença em uma identidade.

Na época do lançamento do romance *Fleur de Barbarie* (2005), em uma entrevista, Gisèle Pineau declarou que era preciso compreender a literatura, não só como um espaço de criação onde é possível fechar (as) feridas, mas também como um espaço de crítica. Nesse sentido, sua obra é catártica – nos planos individual e coletivo – na medida em que retoma todo esse processo traumático que foi a escravidão e a colonização, cujas conseqüências são possíveis de se sentir ainda hoje em várias esferas, e tenta fechar essas feridas, sem negar os efeitos. As feridas e os efeitos são detectáveis, mas é para uma problemática instigante que a sua obra também aponta: até quando o negro antilhano vai reproduzir um discurso que foi construído e largamente utilizado para legitimar um processo de dominação? Até quando ele vai continuar “na condição de um animal submisso à boa-vontade do senhor”, palavras de Éliette, personagem de *L’esperance-macadam*.

Na mente de seus personagens está arraigado um discurso que tem por base a violência contra o corpo e conta a mente. A autora reconhece a força do processo colonialista, e a crítica a ele se faz através de seus personagens cujas atitudes evidenciam a necessidade de alterar esse discurso, já que ele perpetua uma violência que extrapola o plano do colonizador/colonizado, no sentido de homem branco/escravo, mas permite que se legitime a violência do homem contra a mulher, da mãe contra a filha, ou seja, possibilita que surjam hierarquias da violência. Quer dizer, para Pineau a violência de uma mãe contra a sua filha baseada no discurso “sou assim porque não sei ser diferente do que me permitiram ser” ou ainda “eu posso fazer isso porque você é minha propriedade” não está muito distante da violência de um antigo senhor de *plantation* contra o escravo que nela trabalhou.

Em *Os condenados da terra*, Fanon afirma que a violência reprimida se compraz, se liberta no ato do outro, funciona como uma espécie de ato de purificação no qual o indivíduo se mostra sempre maior e melhor que o outro a ele confrontado: “No nível dos indivíduos, a violência desintoxica. Ela livra o colonizado do seu complexo de inferioridade, das suas atitudes contemplativas ou desesperadas. Ela o torna intrépido, reabilita-o aos seus próprios olhos” (2005, p.112). É o que ocorre em *L’espérance-macadam* quando Rosan, marido de Rosette, estupra sistematicamente a própria filha Angela ao longo de seis 6 anos. Rosan é



passivo, humilde e obediente diante dos outros e, por isso, querido por todos. Mas é orgulhoso, rígido e dissimuladamente violento diante dos seus, fora da vista dos vizinhos e estranhos. E é com essa duplicidade que sua família tem que lidar, sobretudo Angela, alvo de sua violência. Para Rosette – a esposa – Rosan é o marido, o pai e o homem cujo comportamento é exemplar e, por pensar assim, não consegue, num primeiro momento, acreditar na sua culpabilidade o que faz com que ela também aja de modo violento contra a própria filha: o senhor da casa não pode estar errado, não pode ter falhado; mas a filha, sim, ela é que, sendo mulher, pode ter provocado o problema. De fato, ela instaura o problema quando decide dar um basta na violência do pai, quando ela decide que não pode e não deve mais calar, quando decide quebrar as correntes que a prendem.

Ainda segundo Fanon “*o regime colonial tira a sua legitimidade da força e em nenhum momento tenta modificar essa natureza das coisas*”, assim, na relação dominador/dominado, o dominado é submetido, ao longo de todo processo colonialista, a um discurso violento e opressor cujos valores lhe inculcaram paulatinamente o auto-desprezo. E, esse auto-desprezo inculcado, arraigado, em algum momento, se evidencia nas relações entre semelhantes. É ainda Fanon que diz que, como resposta à violência do colonizador, “*o homem colonizado primeiro manifestará essa agressividade que foi depositada em seus ossos contra seu próprio povo*” (2005, p. 102). O que se procura confirmar na obra de Pineau é que, se o ato de falar do passado e da violência que nele foi praticada contra o negro transformado em escravo funciona como uma catarse, por outro lado é preciso repensar o presente, pois é nele que certas problemáticas se impõem. Já não é mais possível simplesmente investigar o passado pelo simples ato de investigá-lo, mas é preciso refletir sobre os efeitos dele no presente. É o tempo presente que exige um olhar atento, que requer cuidado, pois é nele que certas representações identitárias se constituem baseadas na premissa de que “*não posso ser diferente daquilo que me permitiram ser*”. A dureza da crítica aí existente não se dilui nem um pouco mediante a suavidade e leveza da escrita questionadora de Gisèle Pineau.

Referências

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

PINEAU, Gisèle. *L'espérance-macadam*. Paris: Éditions Stock, 1995.

_____. *L'exil selon Julia*. Paris: Éditions Stock, 1996.